

**A AUSÊNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA  
ESCOLA ESTADUAL ARMANDO DE SOUZA MENDES NO MUNICÍPIO DE  
IPIXUNA-AM**

*Radija Oliveira de Lima<sup>1</sup>*  
*Luziane Nair Lobato dos Santos<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo analisa como a Escola Estadual Armando de Souza Mendes aborda a história e cultura indígena em sala de aula, focando na metodologia empregada para apresentar esse conteúdo. O objetivo é verificar se a representação dos indígenas reflete a realidade contemporânea ou se ainda são vistos como povos do passado. O estudo também investiga a presença do ensino indígena nas aulas de história, a adequação do material didático e as percepções dos estudantes sobre esse tema. Além disso, examina como uma abordagem inadequada pode impactar a visão das crianças e adolescentes sobre os povos originários, destacando a importância desse ensino para combater estereótipos e preconceitos raciais. Entrevistas com um aluno, uma pedagoga e um professor da escola foram realizadas para aprofundar as perspectivas sobre o ensino da temática indígena, enfatizando sua relevância na formação educacional dos estudantes e nas opiniões dos entrevistados sobre o tratamento dado à questão na instituição.

**Palavras-chave:** Ensino. Escola. Indígena. Cultura. História.

## **1. Introdução**

Durante o período de estágio na Escola Estadual Armando de Souza Mendes, foi realizada uma exposição sobre a contribuição indígena para a cultura brasileira, mostrando sua influência na culinária e nos utensílios do dia a dia da população.

Essa exposição aconteceu como um plano de ação pedagógica obrigatório da disciplina de Estágio Supervisionado I, o que foi fundamental para observar como a história e cultura indígena, não estão presentes no ensino regular das turmas. Uma vez que, esse conteúdo é obrigatório desde o ano de 2008 através da Lei N° 11.645.

Quando estava realizando as observações das aulas dos professores de história, notei que os povos nativos foram mencionados somente em uma das diversas aulas que participei. Os indígenas foram citados nessa aula a partir da carta de Pero Vaz de Caminha, onde ele fala das estranhezas entre os europeus e os nativos.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em história mediado por tecnologia, Núcleo de Ensino Superior de Ipixuna-NESIPIX, Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: radijalima00@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em história social pela Universidade Federal do Amazonas -UFAM. E-mail: luziane.historia@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Nesse sentido, me despertou muito o interesse em entender por que os alunos não estão recebendo devidamente esse ensino, e como a escola faz abordagem dessa temática. Posto que, a compreensão sobre a cultura e história dos povos originários são fundamentais para a convivência e o respeito com as populações indígenas.

A partir disso, foram realizadas entrevistas com pessoas envolvidas na escola Armando de Souza Mendes, indivíduos que pudessem falar com ciência da temática. Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida a partir de três entrevistas, com um aluno, uma pedagoga e um professor.

Durante as entrevistas, os entrevistados assinaram termos de responsabilidade, onde certificam-se de estarem cientes de que suas declarações serão utilizadas para a escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e autorizam a divulgação dos seus nomes e algumas informações pessoais. Os termos assinados encontram-se anexados ao final da pesquisa.

Contudo, com o intuito de garantir a segurança e privacidade dos participantes, serão utilizados pseudônimos para cada um deles. Os entrevistados serão representados pelos seguintes onomatopoeses, Entrevistado A, Entrevistado B, e Entrevistado C, para Aluno, Pedagoga e Professor respectivamente.

No decorrer da pesquisa foi abordado principalmente a visão que os entrevistados têm do ensino da escola, voltado para o ensino da história e cultura indígena. Também foram feitos vários questionamentos, quanto a forma que essa temática é ensinada na escola, qual a opinião deles sobre o conteúdo, se eles consideram esse tema importante para a formação escolar dos estudantes, entre outros.

As entrevistas foram fundamentais para que esse artigo fosse escrito, pois, trazer a visão desses indivíduos para esse texto possibilitou mostrar como a temática é vista, nas três esferas escolares. Assim, permitiu entender como a instituição está abordando esse tema, e como está sendo recebido pelos alunos.

Dessa maneira, esse artigo busca demonstrar como a Escola Estadual Armando de Souza Mendes aborda essa temática em sala de aula, qual a metodologia utilizada para expor o conteúdo para os alunos, e se a temática é apresentada de acordo com a

realidade dos indígenas ou se eles continuam sendo interpretados como povos do passado.

Igualmente, evidenciar se o ensino da história e cultura indígena está presente no ensino de história, se a instituição dispõe de material didático adequado para auxiliar no ensino dos alunos, e como os nativos são apresentados nesse material. Uma vez que, os livros didáticos utilizados na escola são atualizados com o passar dos anos, e pretendo mostrar se o ensino sobre os povos originários está se atualizando com os livros.

Com isso, no primeiro capítulo deste artigo, apresento o referencial teórico que serve como base para a pesquisa. Nele, reúno textos de diferentes autores que ajudam a esclarecer e apoiar o meu tema. Esses autores trazem conhecimentos e pontos de vista importantes que enriquecem as discussões ao longo do trabalho.

Ao analisar suas obras e teorias, busco fundamentar minhas argumentações e promover uma reflexão mais profunda sobre o assunto. Esse referencial teórico é fundamental para estabelecer um diálogo crítico com as ideias já existentes e para situar minha pesquisa no contexto acadêmico atual.

No segundo capítulo, irei demonstrar como a escola aborda o ensino da história e cultura indígena, destacando a ausência desse conteúdo no currículo escolar. Para isso, utilizarei as entrevistas realizadas com um aluno e os profissionais da instituição, que compartilharam suas perspectivas e experiências. Através dessas conversas, será possível identificar as lacunas na formação dos alunos sobre a cultura indígena.

Além disso, pretendo analisar como essa falta de ensino impacta a formação dos estudantes e a valorização da diversidade cultural, enfatizando a importância de uma educação mais inclusiva que reconheça e respeite as contribuições dos povos indígenas à nossa sociedade.

Também se faz importante esclarecer como os estudantes reagem a esse ensinamento, e se a falta da exposição desse conteúdo de forma adequada influencia na forma como as crianças e adolescentes veem os povos originários do município. Uma vez que, o ensino da história e cultura indígena é fundamental para a diminuição dos estereótipos e preconceito inter-racial

## **2. Investigar a importância e o afastamento do ensino de história e cultura indígena no currículo escolar.**

O ensino da história e cultura indígena desde os primeiros anos do país esteve sendo mantido nas margens e em muitos casos foi esquecido, ou retirado do conteúdo escolar. Nesse sentido, esse artigo vem falar sobre a ausência desse ensino nos currículos escolares e a forma como é abordado dentro da sala de aula.

Com a chegada dos portugueses no país e após seus primeiros contatos com os indígenas, pode-se notar as diversas concepções que eles tiveram dos nativos. Concepções essas que foram passadas por gerações e que ainda vigoram atualmente. E com isso, submeteram uma visão deturpada da realidade, mostrando os indígenas como vilões e os portugueses como os heróis da nação.

Neste contexto, ALMEIDA (2017, p. 19) vem explicitar essa visão da relação entre os nativos e os colonizadores.

Heróis ou vilões, os poderosos portugueses teriam sido capazes de dominar milhares de povos guerreiros, catequizá-los e discipliná-los, fazendo-os trabalhar e defender a terra como fiéis e submissos servidores do rei. Com leis que oscilavam entre o apoio a práticas de violência e de proteção aos índios, os portugueses e, posteriormente, os brasileiros teriam conseguido vencer, civilizar e/ou manipular inúmeros povos em proveito próprio, submetendo-os completamente, até fazê-los desaparecer sem deixar vestígios.

Dessa maneira, com os portugueses dispostos de todo o poder da colônia e após dominarem os povos nativos, conseguiram alavancar seus interesses e conquistar as terras brasileiras. Em consequência disso, os povos originários do Brasil foram marginalizados, escravizados e assassinados durante esse processo, o que favoreceu a boa imagem dos colonizadores e facilitou a segregação dos diversos povos indígenas com a sociedade que estava se formando no país.

Ao longo dos anos essas concepções vigoraram no meio social brasileiro, e principalmente nas escolas, com a visão dos indígenas como povos isolados que caçam com arco e flecha e que não tem uma civilização ou que são povos do passado sem cultura ou história. Nesse sentido, ALMEIDA (2017, p. 20) fala que, “essas ideias

foram facilmente incorporadas no imaginário da população brasileira, com imensos prejuízos para todos, mas principalmente para os índios”.

Por conseguinte, os povos indígenas foram apagados dos currículos escolares e das universidades, o que facilitou a disseminação de estereótipos quanto a essas populações que tanto contribuíram para a formação social e cultural do país. Nesse sentido, LAMAS; VICENTE e MAYRINK (2016, p. 126) apresentam justificativas que expliquem o porquê da propagação desses preconceitos.

Os preconceitos que impediam os pesquisadores de aprofundarem-se na temática indígena ajudavam os professores a reforçarem os estereótipos acerca do índio preguiçoso, pouco apto ao trabalho rotineiro e que, conseqüentemente, pouco ou nada contribuiu para o progresso do país. Nesse sentido, os manuais didáticos e os professores de história colaboravam para o silenciamento de minorias étnico-raciais.

Esse estudo reflete a forma que os livros didáticos abordam as narrativas históricas e privilegiam a visão eurocêntrica da história e da cultura. Assim, não incluem os povos nativos de forma adequada, salientando sua relevância e rica contribuição para este país, cooperando para extinguir a presença indígena na formação do Brasil.

Durante o período colonial os indígenas tiveram grande participação nas lutas por liberdade e conquista de direitos, sendo considerados importantes personalidades de lideranças. ALMEIDA (2017, p.24) salienta que “Os líderes indígenas, por sua vez, sabedores da importância do seu papel, negociavam suas alianças em troca de benefícios que iam além dos ganhos materiais”.

Contudo, dificilmente essas narrativas aparecem no ensino de história, pois o sistema é alimentado por um currículo eurocêntrico onde, os povos indígenas não podem ser representados como autossuficientes, com sociedades e culturas complexas, e que não necessitam da Europa como seus deuses salvadores.

A partir dessas pesquisas e do esforço de inúmeros grupos sociais, foi criada uma lei que garantisse o ensino da história e cultura indígena para que a população pudesse conhecer e compreender as diversas contribuições culturais e sociais dos povos originários para o Brasil. E, entender como essas populações foram marginalizadas e o

porquê das consideráveis tentativas de apagamento dos indígenas como personagens importantes da história nacional.

No ano de 2008 foi promulgada a Lei Federal nº 11.645 que determinou que nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena (BITTENCOURT, 2013). Com isso, a partir desse ano, todas as escolas deveriam ensinar aos alunos sobre a história e cultura indígena e sobre sua importância social para o país.

Diversos estudos destacam as características das sociedades indígenas do Brasil antes da chegada dos portugueses, com suas complexas relações sociais, suas diversas culturas, idiomas, suas técnicas agrícolas e com as inúmeras contribuições culturais e sociais para a população brasileira.

Entretanto, diversos profissionais não tiveram ou não tem acesso a essas pesquisas, e infelizmente os livros didáticos em sua grande maioria não apresentam os indígenas dessa forma e sim como povos do passado e sem importância social ou histórica.

Muitos cursos de formação de professores também passaram a acrescentar em seus currículos de ensino a disciplina de história e cultura indígena. Contudo, não foram todas as universidades que adotaram essa medida de imediato, fazendo com que muitos profissionais não tivessem acesso a formação necessária para inserir esses conteúdos no cotidiano escolar e em suas metodologias.

Por outro lado, é importante destacar que, atualmente, todos os cursos de licenciatura nas instituições de ensino superior no Brasil incorporam em suas grades curriculares uma disciplina obrigatória dedicada ao ensino da história e cultura indígena. Essa inclusão reflete o compromisso das instituições educacionais com a promoção da diversidade cultural e a valorização dos saberes dos povos originários em conformidade com as diretrizes estabelecidas pela Lei Nº 11.645/08.

Assim, esse artigo busca expor como esses conteúdos estão sendo trabalhados nas escolas do município de Ipixuna? Se é correto afirmar que as escolas estão seguindo

a lei 11.645/2008? Se os currículos didáticos repassados aos professores da escola estadual Armando de Souza Mendes, ou a metodologia utilizada em sala estão ensinando os alunos a compreender a história indígena sem preconceito? Ou se os alunos estão conseguindo diferenciar a visão deturpada dos indígenas repassadas a eles?

### **3. História e cultura indígena, um olhar mais atento a sua abordagem em sala de aula.**

#### **3.1 Cidade e Escola**

Ipixuna é um município do interior do estado do Amazonas com 68 anos de emancipação. Com uma formação populacional quase que por completo de imigrantes nordestinos e de indígenas da etnia Kulina, que residem na região do médio Juruá.

O município se constituiu a partir da vinda de imigrantes para a região em busca de trabalho na extração do látex, dessa forma, muitos seringais se formaram nas margens do rio, para que essas pessoas pudessem exercer esse ofício. A partir disso, muitos indígenas Kulina, formaram famílias com esses imigrantes, assim interligando a cultura indígena com a nordestina.

Desse modo, a cultura e história de Ipixuna está tomada pela presença indígena. A partir disso, se faz necessário o entendimento dos povos nativos e sua relevância, para a formação histórica e cultural do município. Nesse sentido, é importante entender como as escolas da cidade estão desenvolvendo esse tópico no ensino regular.

Nessa perspectiva, a pesquisa se solidificou em uma escola da cidade, onde ela é frequentada por muitas crianças e adolescentes, de várias classes sociais e que residem tanto na zona urbana do município como na zona rural. Uma vez que, a devida instituição é muito antiga e importante para a sociedade local.

A Escola Estadual Armando de Souza Mendes localizada no município de Ipixuna no Estado do Amazonas foi criada pelo decreto de lei Nº 36 de 13/08/1982, e inaugurada em 13/10/1988. O prédio atualmente está desativado, com isso, a escola encontra-se alocada no prédio da Escola Estadual Padre Hans August Bischoff, situada na Av: Varcy Herculano, Centro, desde o ano de 2014.

O prédio escolar encontrasse em uma região onde os estudantes têm bastante

contato com indígenas, de modo que, muitos dos nativos quando vem de suas aldeias para a zona urbana do município, ficam em uma residência provisória e comunitária organizada pela prefeitura municipal, que se localiza próxima a secretaria de saúde indígena da cidade.

Pôr a escola estar bem próxima dessa residência, e ficarem no mesmo bairro, os alunos da instituição no seu percurso de ida e vinda da escola, encontram muitos nativos pelas ruas da cidade, em muitos casos os indígenas estão embriagados, pois, parte dos nativos que frequentam e vivem na zona urbana, são acometidos com o vício em álcool.

Dessa forma, a visão que parte da sociedade local tem das populações indígenas do município, é de pessoas preguiçosas e viciadas que não agregam em nada para a cidade ou para a cultura local. E essa visão acaba sendo refletida na população infanto-juvenil que frequentam a escola.

CUNHA (2009) “A representação dos povos nativos na sociedade brasileira é marcada por uma dualidade: ao mesmo tempo que são vistos como símbolo de resistência cultural, também enfrentam a marginalização e a invisibilidade em diversas esferas sociais.”. Nesse sentido, é notório que a sociedade ipixunense por conta de não ter conhecimento adequado sobre essas populações, acabam discriminando e tratando os indígenas de forma preconceituosa.

Durante a pesquisa a pedagoga entrevistada faz uma reflexão sobre essa problemática. “[...]quando você fala de indígena, eles falam assim. “Ah, professora, mas eles só prestam para beber cachaça”. Então, eles já têm a visão, que é repassado na escola, mas eles têm a visão da sua própria experiência, que é o que eles veem que acontece na cidade[...]” (ENTREVISTADO B, 2024)

Em sua afirmação a pedagoga demonstra como os alunos reagem a receberem qualquer informação sobre a temática. Desse modo, ela ressalta a importância de ensinar sobre a história e cultura indígena, uma vez que, ela se torna essencial para que os alunos possam mudar seu olhar sobre os nativos, de forma que possam coexistir sem discriminações<sup>3</sup>.

Nesse seguimento, os entrevistados foram questionados sobre como o ensino da história e cultura indígena era aplicado em sala de aula, como a temática era abordada e se ela era frequentemente falada durante os anos escolares. O aluno entrevistado,

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada no dia 25 de junho de 2024

elucidou a sua experiência do fundamental II e ensino médio, que ele frequentou na Escola Estadual Armando de Souza Mendes.

“eu nunca tive essa matéria, eu fui ter mais agora pelo segundo ano, eu ainda me lembro o nome da matéria, o nome era IDAMA, que foi até a professora Flávia que deu essa matéria, só que como ela foi passada mais a questão da tradição dos indígenas, como eles viviam, essas questões assim entendeu. Mas nunca foi mais afundo.”  
<sup>4</sup>(ENTREVISTADO A, 21 de junho de 2024)

Em suas falas ele enfatiza que não lembra de receber qualquer ensino sobre a temática, somente durante seu segundo ano do ensino médio que recebeu uma disciplina complementar sobre a História Indígena. Onde ele ressalta, que a matéria mostrava os nativos como povos do passado e que não tinham relação direta com a história do Brasil ou com sua cultura.

MALINOWSKI (1987) afirma que “os indígenas são frequentemente representados de forma estereotipada na mídia e na cultura popular, o que contribui para a perpetuação de preconceitos e desinformação sobre suas realidades”. Dessa forma ressaltando como a imagem dos nativos são apresentadas a população de maneira pejorativa, assim reforçando a marginalização desses povos.

Nesse sentido, não só o aluno, mas também os outros entrevistados, destacaram que a matéria é abordada sempre da mesma forma. Ela é discutida pelo olhar do colonizador, mostrando os povos nativos, como se não tivessem relevância qualquer para a História. Principalmente no livro didático, onde essa interpretação é mais frequente, uma vez que, ele é a principal ferramenta de ensino utilizada pelos professores da escola. Nesse sentido, o professor entrevistado fez um esclarecimento quanto a esse assunto.

“Infelizmente, essa visão ainda é tida como uma visão europeia ainda, contada pelo lado dos europeus. Inclusive, é uma das questões que eu fico a imaginar. Como seria a história contada pelo outro lado, pelo lado dos indígenas? A gente vê alguns documentários hoje que os indígenas, da raiz mesmo, falam e relutam quanto a isso, porque a história deles não foram contadas da forma que ocorreu, mas de uma forma dos europeus. E infelizmente, esses livros ainda vem trazendo esse olhar com algumas mudanças, é claro, dependendo da editora, talvez o que aconteceu, já vem com alguma coisa diferenciada, com depoimentos de alguns, mas ainda algo mais europeu do que a nossa realidade. <sup>5</sup>“(ENTREVISTADO C, 26 de junho de 2024.)

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 21 de junho de 2024

<sup>5</sup> Entrevista realizada no dia 26 de junho de 2024

Como já foi mencionado, a temática nos livros didáticos é indicada pela visão do europeu, em suas falas o professor e a pedagoga, deixa isso bem claro, que mesmo com o passar dos anos e com as atualizações nas metodologias e na grade curricular da escola, a questão indígena nos livros, não recebe nenhuma atualização quanto a forma que os povos originários são abordados. Então, cabe ao professor em sala relacionar como o tema está sendo retratado, com a realidade das sociedades nativas.

### **3.2 Lei 11.645/08 e sua importância para os alunos da Escola Armando de Souza Mendes.**

A Lei 11.645/08 é um importante avanço para a diminuição do preconceito intercultural que vivenciamos diariamente, e que vem sendo cultivado no Brasil há mais de cinco séculos. Com isso, BERGAMASCHI (2010) afirma que:

Estudar a história dos povos originários é estudar a nossa história e reconhecer as marcas indígenas que fazem mestiço o continente americano, marcas muitas vezes camufladas, “entulhadas” sob uma visão de branquitude, de pureza, de um pseudoeuropeidade. [...] Predomina no Brasil um desconhecimento, uma desconsideração dos povos indígenas e, em geral, sua existência é reconhecida e admitida na Amazônia, ou no Xingu. Quando se fala em indígenas no sul do Brasil, por exemplo, é com espanto ou julgamento, expresso em comentários como: estes já não são mais índios, estão aculturados (BERGAMASCHI, 2010, p. 153)

Em suas palavras a autora busca justificar a necessidade da lei para o ensino de história, considerando o indígena que há em cada brasileiro, e que, estudá-los seria, uma possibilidade de conhecer sobre nós mesmos e nossa própria ancestralidade. Dessa forma, mostrando que a história e cultura indígena não está só ligada a história nacional, mas que é a própria história.

A presença da lei no meio escolar é fundamental para a formação crítica dos alunos, principal no município de Ipixuna onde o contato com os nativos é constante. “Desse modo, a História possui uma função essencial na superação da exclusão social, na construção da cidadania e na emancipação social e política dos sujeitos históricos” (FONSECA, 2003). Uma vez que, é costume ver os indígenas de uma forma deturpada, e negligenciar seus costumes e sua presença na formação do nosso país.

SILVA, COSTA (2018, p. 93), vem falar sobre a função do professor, e a necessidade da Lei para a mudança desse paradigma.

“A partir da aplicação da lei, não apenas os alunos da Educação Básica, mas também os professores formadores de opinião, podem se educar e começar a demolir dentro de si ideias e sentimentos equivocados a respeito das populações indígenas, enxergando-as para muito além do exótico, do estranho, do “selvagem” (bom ou mal). Assim, é possível reescrever uma história, dentro e fora das escolas, que rompa com certos padrões em vigência, que excluam e tentam diminuir ou apagar a presença do diverso, do diferente, diminuindo-o, inferiorizando-o e desqualificando-o de diversas formas”

Na sua afirmação, os autores destacam o papel essencial do professor para a educação dos alunos, e de como seus ensinamentos são fundamentais para formar seres pensantes, assim, ajudando os estudantes a enxergarem a presença dos povos originários sem os estereótipos que são associados a eles a tanto tempo.

Dessa maneira, durante a pesquisa os entrevistados foram questionados sobre a lei 11.645/08, e se eles tinham conhecimento sobre ela, o professor e a pedagoga disseram que sim, contudo o aluno afirmou que não, reforçando que o indígena não era mencionado em sala de aula.

Contudo, o professor afirmou que seu conhecimento sobre a lei foi a partir de pesquisas pessoais feitas com o objetivo de aumentar seus conhecimentos. Ainda assim, esses conhecimentos muitas vezes não são introduzidos na sala de aula, como ele afirma em uma de suas falas.

“É... se ela é praticada, eu não sei, né? Que ela é... que é para ser praticada, ela deve ser praticada, né? Porém, eu não sei se ela está... Se a gente for ver, não é uma área dentro da disciplina de história que é muito visada. Se a gente for dar uma olhadinha nos currículos, os currículos são bem pobres a respeito disso aí. Essa questão aí é, mas, se não é, como não é, bem visto, deveriam ser mais valorizados<sup>6</sup>.”  
(ENTREVISTADO C, 2024)

O professor afirma que a lei fala sobre um assunto que não é presente nos currículos didáticos e que quase não é mencionado, demonstrando que a lei não está em

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 26 de junho de 2024

vigor na escola, mas reforça a importância de se falar sobre esse conteúdo e de mencionar como a temática é necessária para o ensino.

Vale ressaltar que foi questionado sobre a formação continuada dos profissionais da Escola Estadual Armando de Souza Mendes. Principalmente sobre uma formação sobre a Lei 11.645/08, os profissionais da escola falaram que sobre essa temática nunca tiveram formação. A pedagoga da escola também afirma que quando a formação para os professores, muitos dos docentes não conseguem participar.

“[...]geralmente elas acontecem no horário de expediente, normalmente tem aula, então você tem a opção dos professores que estão livres irem para a formação e os demais assistirem nos seus contratuais através do youtube[...] Mas aí também tem outro problema, porque assim, quando não assiste todo mundo junto, fica pra depois, e fica a cargo de você ir lá por livre e espontânea vontade assistir online, ou baixar, então fica meio que a gente perde um pouco do controle aí”. (ENTREVISTADO B, 2024)

As falas da entrevistada demonstram como os docentes participam das formações quando acontecem e expõem alguns desafios que são enfrentados pelos mesmos, ela também fala sobre a importância que essa formação é para os profissionais da escola e como ela é necessária para o ensino e aprendizagem.

Todos os entrevistados falaram abertamente sobre como o ensino de história e cultura indígena é indispensável para a formação dos alunos e como esse ensino poderia mudar o olhar dos estudantes sobre os povos nativos. O aluno expôs sua opinião quanto ao questionamento se ele, ou outros alunos teriam uma visão diferente quanto as populações indígenas se tivessem tido um ensino adequado quanto a eles.

“eu acredito que se começar a falar sobre essa questão desde o ensino fundamental pro médio talvez sim. Mas se começar por exemplo só do novo ensino médio, a partir do ensino médio, acredito que não que as pessoas vão levar a vida olhando de uma forma, e quando chegar no terceiro ano, não vão mais conseguir mudar o jeito de ver. Então eu acredito que se passasse ali desde o começo aí sim, aí teria muita influência.” (ENTREVISTADO A, 2024)

O aluno afirmou que sim, que se tivesse recebido um ensino sobre os povos originários desde criança, mostrando seu papel importante na sociedade e sua riqueza

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada no dia 21 de junho de 2024

<sup>8</sup> Entrevista realizada no dia 25 de junho de 2024

cultural e de como os indígenas estão presentes na nossa cultura e história, ele hoje teria uma visão diferente sobre os nativos.

Com isso, a ausência da história e cultura indígena na Escola Estadual Armando de Souza Mendes, demonstra a influência que tem na compreensão dos nativos, e como ela é necessária para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, a fim de criar uma sociedade onde possa ter respeito pelas diversas culturas, principalmente pelas populações indígenas.

#### **4. Considerações finais**

Diante dos objetivos dessa pesquisa que consistia em investigar a abordagem do ensino de história e cultura indígena na escola, analisando como os professores apresentam essa temática aos alunos, a presença desse conteúdo nos livros didáticos, a representação dos povos indígenas no material disponível e a relação entre a falta desse ensino e o preconceito e discriminação quanto aos povos nativos do município.

A partir dessas intenções delineada, ficou evidente que a Escola Estadual Armando de Souza Mendes não possui em sua grade curricular um plano de ensino que apresente a história e cultura indígena de forma aprofundada e atualizada, livre de preconceitos.

Tanto os livros didáticos quanto o conteúdo transmitido pelos professores retratam os povos originários de maneira superficial, como meros vestígios do passado, desconsiderando sua relevância na cultura e história do país - uma perspectiva que vem sendo contestada por historiadores ao longo dos anos.

Essa visão deturpada que é repassada as crianças e adolescentes da escola resulta em uma série de preconceitos, uma vez que, os estudantes ao ter contato constante com indígenas no município, acabam por ver esses indivíduos como desprovidos de história, cultura ou importância social, o que intensifica a discriminação e marginalização dos nativos.

Vale ressaltar que com base nas entrevistas realizadas, a escola demonstrou interesse e algumas iniciativas para integrar a história e cultura indígena no currículo dos alunos, na tentativa de minimizar os impactos negativos da ausência desse tema na formação dos jovens. A instituição também mostrou disposição para adquirir

conhecimento sobre a temática, suprindo assim a lacuna de conteúdo disponível para o ensino.

No entanto, os esforços apresentados pela escola estão organizados de maneira isolada, o que provavelmente não surtira um impacto significativo nos estudantes, desse modo, o ensino dessa temática deve ser iniciado desde os primeiros anos de escolaridade e abordado de forma contínua, permitindo aos alunos incorporarem esses conhecimentos no seu cotidiano.

Para que a escola possa integrar essa temática de maneira eficaz, seria benéfico começar pela aquisição de materiais didáticos atualizados, onde os povos originários sejam representados como agentes relevantes na sociedade e na história nacional e local. Isso proporcionaria aos professores recursos mais ricos para serem trabalhados em sala de aula.

Adicionalmente, realizar projetos expositivos que permitam aos alunos visualizarem a relevância e influência dos povos nativos na cultura brasileira — incluindo aspectos como culinária e costumes — pode ser uma estratégia valiosa. Dessa forma, os alunos poderão compreender como a cultura indígena está interligada à nossa própria identidade cultural e reconhecer a importância da sua presença na história do Brasil e no município de Ipixuna.

Desse modo, é crucial enfatizar que os povos originários são elementos indispensáveis para a construção histórica e cultural do Brasil, especialmente no município de Ipixuna. Isso ajudará a demonstrar aos alunos que julgamentos infundados não podem definir uma pessoa ou etnia, contribuindo para o desenvolvimento do caráter e do pensamento crítico da sociedade infanto-juvenil da Escola Estadual Armando de Souza Mendes.

## **5. Fontes**

No desenvolvimento deste relato de experiência, utilizei duas fontes fundamentais: a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas, e o referencial bibliográfico. A pesquisa qualitativa permitiu captar as nuances das experiências dos participantes, ouvindo educadores e alunos sobre a ausência do ensino de história e cultura indígena nos currículos escolares.

Nesse percurso foram realizadas entrevistas com um aluno do terceiro ano do ensino médio, uma pedagoga formada em pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA e um professor que atua na disciplina de história, também formado em pedagogia pela mesma instituição. Os participantes foram entrevistados nos dias 21, 25 e 26 de julho de 2024 respectivamente. E para manter a segurança de suas identidades, foram utilizados pseudônimos para representá-los.

O referencial bibliográfico é crucial para minha pesquisa, tendo a função de enriquecer minha análise ao dialogar com estudos anteriores e validar as percepções obtidas nas entrevistas. Assim, o referencial bibliográfico fortalece a credibilidade e a profundidade do meu relato, permitindo que ele se insira em um contexto acadêmico mais amplo.

## 6. Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas.** Revista Brasileira de História. São Paulo, 2017.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos indígenas e ensino de história: a Lei 11.645/2008 como caminho para a interculturalidade.** In: BARROSO, Vera Lúcia. Et al (orgs.) Ensino de história: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST: ESCLAMAÇÃO: ANPHU/ RS, 2010. p. 151-168

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos.** In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.). Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-132.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os índios e a sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História.** Campinas: Papirus, 2003.

JAQUES, Ana Cristina Garima [et al.] **Ensino de história e formação de professores: discussões temáticas.** Rio Grande: Editora da FURG, 2014.

LAMAS, Fernando Gaudereto; VICENTE, Gabriel Braga; MAYRINK, Natasha. **Os indígenas nos livros didáticos: uma abordagem crítica.** Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v. 2, n. 1, p. 124-139, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os indígenas e a cultura brasileira.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

SANTOS, Raimundo N. G.; SILVA, Raimunda G.; SOUZA, Alfredo C. R. **As implicações da Lei Nº 11.645/2008: Algumas reflexões sobre o ensino de História.** Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM, volume 4, número 2, ano 4, 2020.

SILVA, Gionavi José da; COSTA, Ana M.R.F.M. da. **Histórias e culturas indígenas na Educação Básica.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Recebido em: 04/11/2024

Aprovado em: 21/11/2024